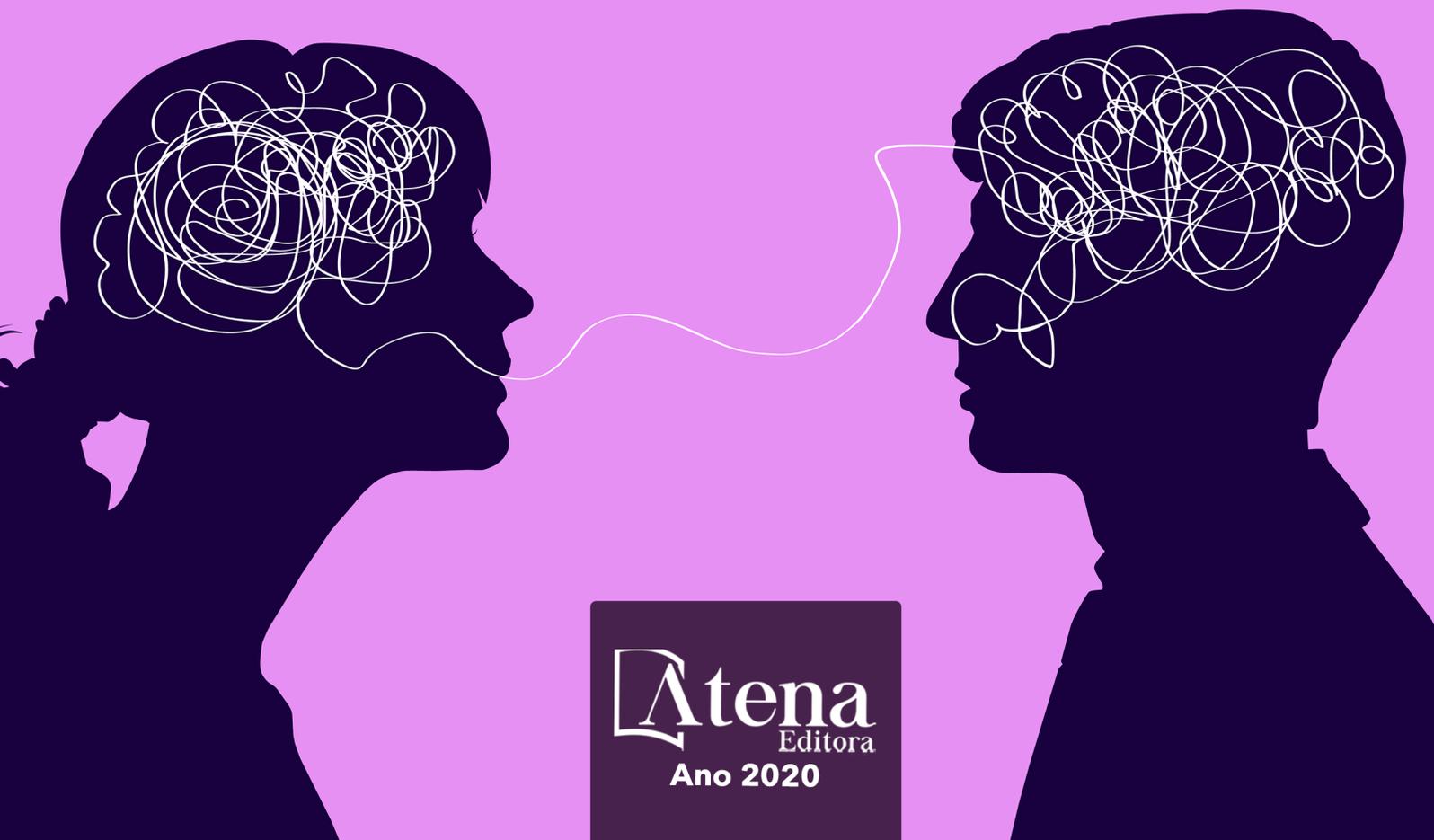


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

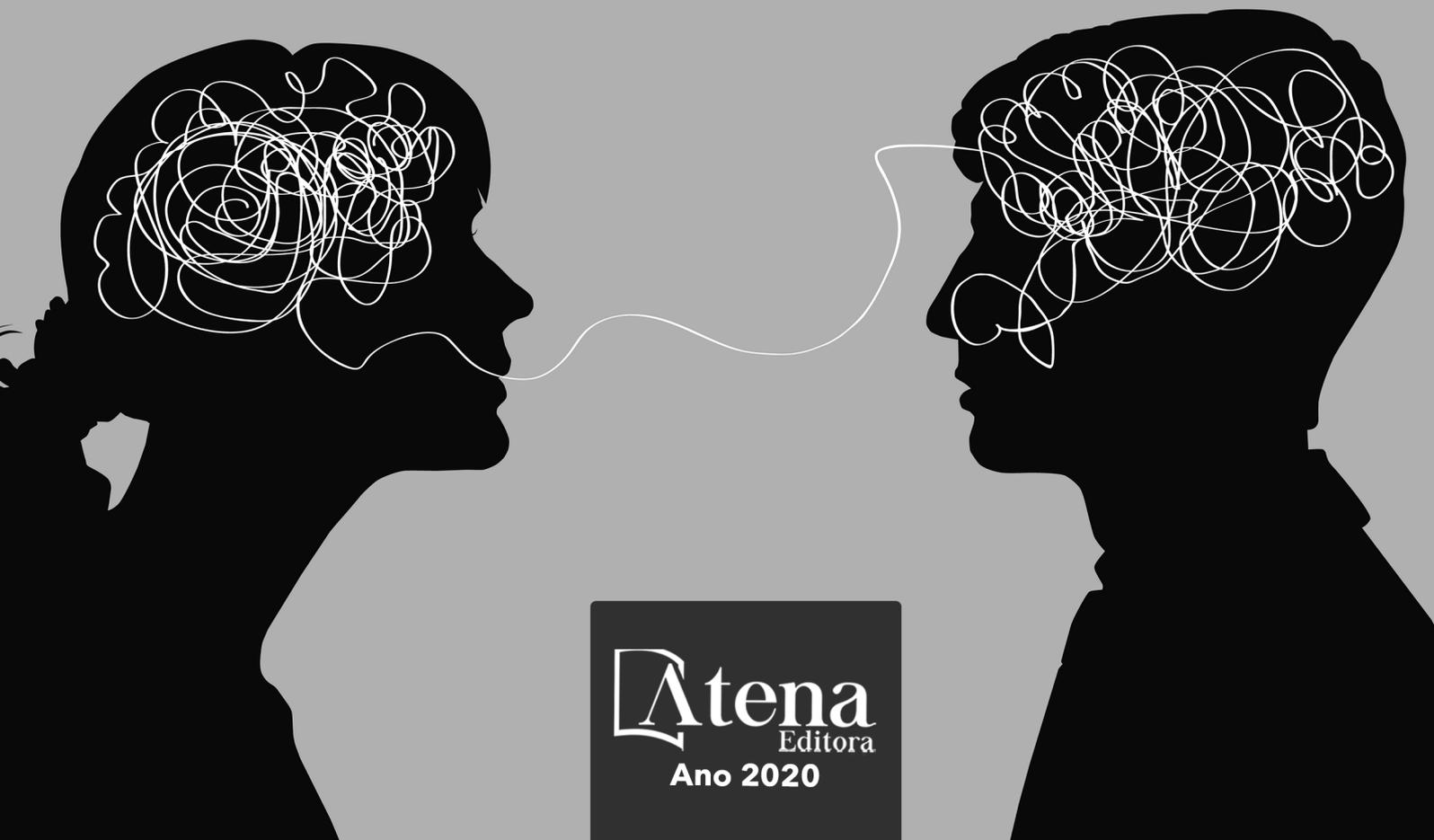
IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : culturas e identidades / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-025-4 DOI 10.22533/at.ed.254202404 1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book, as reflexões compõem as áreas de ensino da Linguística, Letras e Artes em uma proposta plural. Quando se tem o contexto de ensino como espaço diversificado do conhecimento, compreende-se que a produção do saber não está associada à política de que os saberes são e devem ser classificados em pequenas caixinhas, sem que não se ofereçam as conexões entre as diferentes áreas da formação humana.

O que tornam necessárias as discussões presentes no referido livro são as noções ampliadas de que a formulação dos conhecimentos ocorre de maneira dialógica, flexível e plural. É nessa diversidade de capítulos que organizam, dão formas, texturas, cheiros e cores ao e-book, que todos os autores disponibilizam suas múltiplas concepções de como o conhecimento pode e deve ser construído, discutido, rediscutido e formulado.

Todos os autores constroem em suas narrativas investigativas um processo de efetivação das oportunidades de aprendizagem, as colocam neste livro de maneira acessível. Sendo assim, nossas reflexões transitam os contextos próprios da Linguística, das análises de obras literárias, isto é, das Letras, e da função que as Artes cumprem em nos encantar, problematizar situações, além de apresentar soluções para tais questões.

Ao escrever esta apresentação de *Linguísticas, Letras e Artes: Culturas e Identidades*, encontro-me, como todo o Brasil, em isolamento social em cuidados contra o inimigo invisível que assola todo o planeta, o covid-19. E, embora, não possamos cumprimentar os nossos interlocutores, sabemos que a essencial necessidade de comunicação do sujeito pela linguagem traz uma luz ao processo de interação e anseios de que dias melhores virão com a aurora anunciada pelas boas notícias.

Nestes tempos sombrios, de muitas mortes, por sinal, medos e tempestades em que a pandemia estar em destaque, amplia-se o discurso *fique em casa*, já que estamos isolados, socialmente, não estamos isolados de acessar o conhecimento capaz de nos acalantar. É, nesse sentido, que os 14 capítulos deste e-book surgem como um bálsamo aos nossos medos e às nossas inseguranças, pois, mesmo que os medos estejam à porta, o saber nos levam além.

Neste livro, propomos a aproximação discursiva entre os termos *culturas e identidades*, posto que linguística, letras e artes compartilham do mesmo contexto de elaboração. Assim, em tempos sombrios e de isolamento social fica a dica de leitura da referida obra, construída em uma proposta plural e disponibilizada a todos. *Fiquemos em casa* com uma excelente e construtiva leitura!

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMPETÊNCIA LEITORA: UM ALICERCE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA	
Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi	
DOI 10.22533/at.ed.2542024041	
CAPÍTULO 2	13
TEORIA DA COMPLEXIDADE: ACONSELHAMENTO LINGUAGEIRO, EMERGÊNCIA E ATRADORES NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Isabelly Raiane Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2542024042	
CAPÍTULO 3	24
LUSOFONIA EM EXPANSÃO: ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)	
Gabriella da Silva Araujo	
Regina Helena Pires de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.2542024043	
CAPÍTULO 4	38
PERCEÇÃO DE ALUNOS A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Denise Medeiros Faria	
Jaliane Soares Borges dos Santos	
Maísa Conceição Silva	
Cristiane Siqueira Pereira	
Rogério Pacheco Rodrigues	
Jakline Soares Borges dos Santos	
Geane Silva Lima	
Natalia Lázara Gouveia	
Janice Soares Borges dos Santos Souza	
Jéssica Campos Silva	
Jordana Américo Zei Andrade	
Waldiclécio Ribeiro Farias	
DOI 10.22533/at.ed.2542024044	
CAPÍTULO 5	47
ENSINO DE GRAMÁTICA E TEXTO NA ESCOLA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024045	
CAPÍTULO 6	63
TOPÔNIMOS LATINIZADOS NA FLORA BRASILIENSIS: O ANO DE 1819 DA MISSÃO AUSTRO-ALEMÃ NO BRASIL	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.2542024046	
CAPÍTULO 7	73
UM PERCURSO SOBRE O ROMANCE ‘DOIS IRMÃOS’, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.2542024047	

CAPÍTULO 8	83
ANÁLISE DE RETRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO <i>THE IMP OF THE PERVERSE</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Juan Carlos Acosta	
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard	
DOI 10.22533/at.ed.2542024048	
CAPÍTULO 9	98
RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJETIVIDAD, TESTIMONIO Y ESCRITA AUTO FICCIONAL	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024049	
CAPÍTULO 10	109
AS CURVAS DA ESTRADA DO PLAYBOY-HEROI: A MÚSICA DE ROBERTO CARLOS E A DANÇA EM “AS CANÇÕES QUE VOCÊ DANÇOU PRA MIM”	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.25420240410	
CAPÍTULO 11	122
KLEZMER E O VIOLINO: DO TEATRO <i>YIDDISH</i> À SALA DE CONCERTO	
Edison Valério Verbisck	
Eduardo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.25420240411	
CAPÍTULO 12	134
O IMAGINÁRIO SOBRE TECNOLOGIA: ANÁLISE DA REALIDADE VIRTUAL NA SÉRIE BLACK MIRROR E SUA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO PUBLICITÁRIA	
Marina Strumiello Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.25420240412	
CAPÍTULO 13	146
PERFORMANCE E DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: A INCORPORAÇÃO DA TÉCNICA PELA PRÁTICA	
Giovanna Gabriela Farias Machado Pieroni	
Fernanda Nardy Bellicieri	
DOI 10.22533/at.ed.25420240413	
CAPÍTULO 14	165
REPRESENTAÇÕES CANIBAIS: ASPECTOS FRAGMENTÁRIOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA – PENSAMENTO ARTÍSTICO A PARTIR DO FILME RAW	
Marcos Pedro da Silva	
Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo	
Vinicius André da Silva Appolari	
Andreia Nunes de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.25420240414	
SOBRE O ORGANIZADOR	176
ÍNDICE REMISSIVO	177

ANÁLISE DE RETRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO *THE IMP OF THE PERVERSE*, DE EDGAR ALLAN POE

Data de aceite: 13/04/2020

Juan Carlos Acosta

Mestre em Letras na área de Lexicografia, Terminologia e Tradução da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

Doutora em Letras na área de Lexicografia, Terminologia e Tradução da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar alguns aspectos das traduções brasileiras do conto *The Imp of the Perverse*, do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, de 1944 até o início do século XXI, a partir dos questionamentos sobre retradução levantados pelo teórico Antoine Berman (2007). Haja vista a importância do papel que a primeira tradução tem em relação às traduções posteriores, o estudo parte da primeira tradução para o francês, de Charles Baudelaire, observando as escolhas lexicais e comparando-as com as traduções brasileiras, para verificar até onde a primeira tradução se assemelha às demais retraduições. O estudo busca encontrar elementos que comprovem uma reflexão e um diálogo diacrônico entre o tradutor da primeira tradução e os tradutores das retraduições.

PALAVRAS-CHAVE: Retradução; Edgar Allan Poe; Antoine Berman; Perversidade.

ANALYSIS OF BRAZILIAN RETRANSLATIONS OF EDGAR ALLAN POE'S SHORT TALE "THE IMP OF THE PERVERSE"

ABSTRACT: This work aims to analyze some aspects of the Brazilian translations for Edgar Allan Poe's short tale *The Imp of the Perverse*, from 1944 till the beginning of the 21st century, based on retranslation issues raised by Antoine Berman (2007). In view of the important role of the first translation in relation to posterior ones, this study starts from the first French translation, by Charles Baudelaire, observing lexical choices and comparing them with the Brazilian works, in order to verify similarities between the first translation and the Brazilian retranslations. The study seeks for elements that prove a reflection and a dialogue through time between the translator of the first translation and those of the other retranslations.

KEYWORDS: Retranslation; Edgar Allan Poe; Antoine Berman; Perverseness.

1 | CONTEXTUALIZAÇÃO

O legado do bostoniano Edgar Allan Poe (1809-1849) foi de suma importância para os caminhos da literatura a partir da segunda metade do século XIX, influenciando muitos escritores europeus, em especial na França, e, posteriormente, nos demais países ocidentais. Seu valor não se dá unicamente por suas visões fantásticas, ou por explorações de ambientes envoltos em mistérios, crimes e mortes, mas por sua extraordinária habilidade com os relatos curtos. Seus contos são narrativas cuja leitura requer, no máximo, duas horas. Dessa forma, o leitor pode se entregar à leitura na sua totalidade. Como diz Julio Cortázar (1993, p. 121), “Poe escreve seus contos para dominar, são instrumentos de domínio para submeter o seu leitor no plano imaginativo e espiritual”.

Embora todos seus escritos tenham sido produzidos no então distante solo norte-americano, Edgar Allan Poe sempre teve um grande apreço pelo continente europeu. Não são poucos os textos ambientados em algum lugar do Velho Mundo. Por exemplo, um dos mais conhecidos personagens criados pelo autor, o detetive Auguste Dupin, é uma espécie de pré-Sherlock Holmes parisiense, que desvenda mistérios de assassinatos em três contos: *A carta roubada*, *O mistério de Marie Rogêt* e *Assassinatos na Rua Morgue*. Pode-se dizer que, com eles, Poe criou a pedra fundamental, a base para aquilo que se chamou depois de “conto policial”. Em suma, como bem o disse Borges (2013, p. 202), “muitas coisas começam com Poe”.

Além de contos publicados em jornais americanos da época, Poe escreveu diversos poemas. Entre eles, aquele que o tornou consideravelmente famoso ainda em vida: *O corvo*. Poe também escreveu seu único relato longo – a novela *A narrativa de Arthur Gordon Pym*.

Quanto à vida pessoal, podemos resumir dizendo que a vida de Poe foi cercada de tristeza e morte. Primeiramente, ocorre a morte dos pais, quando ele ainda era uma criança. É então adotado pela próspera família Allan. Um aspecto curioso de sua relação com o pai adotivo que merece ser destacado, por assemelhar-se com os acontecimentos do conto que será analisado aqui, é o fato de o Sr. Allan ter negado a Poe qualquer tipo de herança, deixando-o em péssimas condições financeiras. Em 1847, Edgar perde sua jovem esposa, Virginia Eliza Clemm Poe, vítima de tuberculose – fato que o abate profundamente e o faz entregar-se definitivamente à bebida. Faleceu aos 40 anos, entre altos e baixos, tristezas e misérias.

O texto escolhido para análise é *The Imp of the Perverse*, publicado em 1845. Trata-se de um conto curto (16 parágrafos), em primeira pessoa, em que o narrador, cujo nome não se sabe, conta ao leitor como foi parar na prisão. Pode-se dizer que este conto é dividido em duas partes: o que Davi de Souza (2009) chamou de conto-

ensaio, pois metade dele se parece com um ensaio filosófico no qual o narrador basicamente explica a existência de um impulso, um *prima mobilia* (móvil primordial) da alma humana, que escapou da percepção da Frenologia¹ e que impele o homem a fazer algo simplesmente pelo fato de que não deveria fazê-lo.

Poe denomina esse impulso de *Perverseness*. Seria algo inerente à alma humana e também o motivo pelo qual o narrador foi impelido a cometer o crime narrado na segunda parte do relato, quando a história de fato se desenvolve. Essa pessoa que relata a história ao leitor teria uma espécie de tutor que deveria lhe passar os seus bens como herança. Para apoderar-se desses bens, o narrador se utiliza da ideia de um “crime perfeito”, sobre o qual teria lido no livro de memórias de uma tal Madame Pilau: sabendo que a vítima costuma ler à noite, o criminoso substitui a vela do quarto por outra contendo veneno. Após a morte do tutor, o narrador escapa de qualquer suspeita do crime. Mas, aos poucos, algo começa a se apoderar de seus pensamentos e o impele, de uma maneira incontrolável, a confessar seu crime. O narrador então sai gritando pelas ruas: “Estou a salvo!”, “Ninguém desconfia que fui eu quem o matou!”. Logo, ele é encarcerado e, atrás das barras de sua cela, conta ao leitor como foi abatido por este impulso que, aos poucos, se tornou irrefreável.

Perverseness também é citado no conto *The Black Cat* (O Gato Preto), em que o narrador também comete um crime e se comporta de maneira bastante similar. Entretanto, em *The Imp of the Perverse*, o impulso é descrito de forma mais detalhada.

Com seu estilo único de criar uma história envolvente em poucas páginas, mantendo o leitor completamente aterrorizado, e não menos, submerso na leitura desses curtos relatos que exploram os recantos mais “perversos” da alma humana, Poe foi descoberto por um dos poetas mais importantes de meados do século XIX: o francês Charles Baudelaire.

Segundo o biógrafo Jean-Baptiste Baronian (2010, p. 60), Baudelaire não foi o primeiro tradutor de Poe: ele tomou conhecimento do autor americano através de uma tradução francesa de *The Black Cat*, que seu amigo Charles Asselineau, “um devorador de livros e amante da literatura sobrenatural”, lhe mostrara em 1848 – feita por Isabelle Meunier. Fascinado pelos escritos de Poe, Baudelaire percebe nele uma visão que os fantásticos franceses não tinham na época. Ele busca conseguir as obras do americano no texto original e, ainda que não tivesse muita familiaridade com a língua inglesa, incumbe-se da tarefa de traduzi-lo. Ao primeiro livro de traduções, datado de 1856, Baudelaire deu o nome de *Histoires Extraordinaires*. No ano seguinte publica o segundo volume: *Nouvelles Histoires Extraordinaires*, em

1. Pseudociência, cujo prestígio se deu na primeira metade do século XIX, que afirmava que as concavidades da cabeça (as boças) revelavam aspectos da personalidade humana.

que consta sua tradução para *The Imp of the Perverse* (traduzido como *Le Démon de la Perversité*). É curioso observar que, embora muito da fama de Edgar Allan Poe tenha ocorrido apenas após a sua morte (1849), a primeira tradução de Baudelaire para um conto de Poe, ainda segundo Baronian (2010, p. 67), data de 1848. O conto se chama *Révélation Magnétique*, ou seja, ele já era venerado por seu mais importante tradutor francês desde antes de sua morte.

A partir dessas traduções baudelairianas, vários escritores franceses, tais como Stéphane Mallarmé, Guy de Maupassant, Jules Verne e outros, foram claramente inspirados por Poe. É curioso observar, também, que essas traduções foram lidas inclusive por escritores anglo-saxões – como é o caso de Oscar Wilde. Há estudos, como o de Brynjar Bjornsson (2012), que tratam da recepção da obra de Poe por Wilde através das traduções de Baudelaire. De sua parte, o tradutor Oscar Mendes, que traduziu toda a obra de Poe para o português, já dizia que “as traduções de Poe que surgiram em muitos países foram feitas sobre a tradução de Baudelaire e não sobre o seu original inglês” (POE, 2001, p. 53).

É importante que se tenha uma dimensão da importância dessas traduções de Edgar Allan Poe e do legado de Baudelaire, não apenas como seu principal tradutor francês, mas também como grande divulgador da sua obra. Além do trabalho tradutório, Baudelaire também escreveu textos críticos enaltecendo a qualidade e a grandeza do trabalho de Poe, introduzindo-o, assim, no cânone literário ocidental.

Segundo a tradutora Denise Bottmann (2012), o texto aqui estudado é o nono conto mais traduzido de Poe para o português, com 13 traduções, que começam em 1903. Como dito antes, a primeira tradução publicada em livro desse conto para uma língua latina data de 1857, de Charles Baudelaire, com o nome de *Le Démon de la Perversité*. Observa-se, já de início, que quase todas as 13 traduções brasileiras do conto mantêm um título próximo à tradução baudelairiana, *O demônio da perversidade*. Entretanto, há uma diferença na tradução do título a partir da tradução de Guilherme da Silva Braga (editora Hedra, 2009) e de Rodrigo Breunig (L&PM, 2011), respectivamente como *O demônio da obstinação* e *O demônio da impulsividade*. Essa mudança de título abre um questionamento sobre o grau de semelhanças entre a tradução francesa e as retraduições brasileiras. Tais mudanças na tradução do título poderiam indicar uma diminuição das influências de Baudelaire nas traduções do século XXI?

Para que se possa elucidar se há marcas de influência da tradução baudelairiana em todas as retraduições ou se realmente essa modificação de título significa que há uma ruptura dessa influência, é necessário um mapeamento das principais traduções brasileiras a partir do original e sua primeira tradução.

2 | RETRADUÇÃO

Este trabalho baseia-se nos questionamentos sobre “retradução” e “primeira tradução” apresentados pelo teórico Antoine Berman em seu livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Segundo o autor (2007, p. 96), “é essencial distinguir dois espaços (e tempos) de tradução: o das primeiras traduções e o das retraduições. Aquele que retraduz não está mais frente a um só texto, o original, mas a dois, ou mais”, criando assim espaços específicos, conforme se vê na figura a seguir.

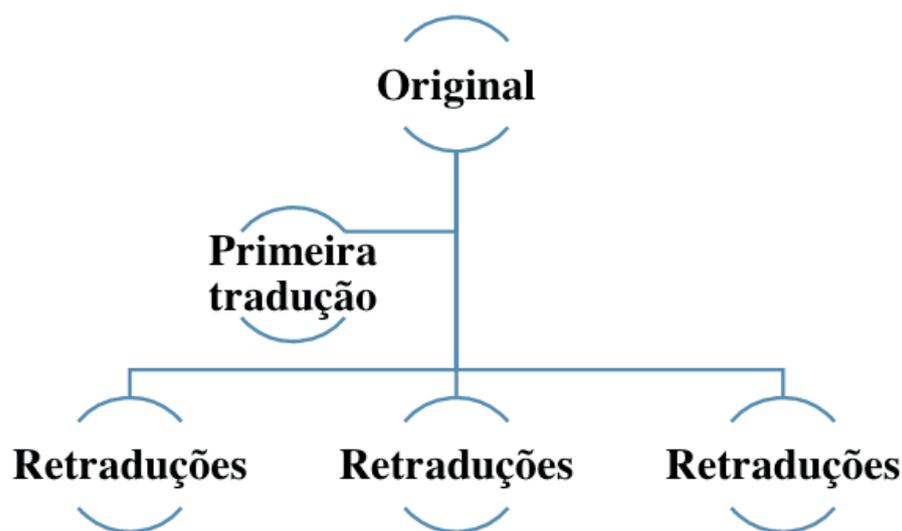


Figura 1- Os espaços tradutórios

O espaço das primeiras traduções tende a dar primazia à “tradução etnocêntrica”, cuja fidelidade reside no sentido. Já o espaço das retraduições permite uma busca por uma “tradução literal” (entendida como uma tradução que busca dar atenção à “letra” – o significante, a sua “casca terrestre”). “A fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra.” (BERMAN, 2007. P. 32)

Também são utilizados os conceitos de “tendências deformadoras” de Berman: fenômenos que, de acordo com o teórico, são inerentes a todo processo de tradução. As “tendências deformadoras” seriam o resultado de toda tradução que se preocupa somente com o sentido e deixa de lado a “letra” do texto. No total, são 14 “tendências deformadoras” citadas pelo autor. Contemplaremos algumas delas no presente trabalho.

A “racionalização” seria uma tendência de deformar o original na busca de uma linearização das estruturas sintáticas (uma alteração de verbo por substantivo, uma troca de pontuação, por exemplo, pode gerar a “racionalização”). A “clarificação”, por sua vez, é a tendência a trazer “clareza” ao texto. “A clarificação é inerente à tradução na medida em que todo ato de traduzir é explicitante. Num sentido

negativo, ela visa a tornar claro o que não é e não quer ser no original” (BERMAN, 2007p.50). Essas duas tendências acima citadas acabam por gerar outra tendência muito comum ao ato de traduzir: o “alongamento”. Toda tradução é tendencialmente mais longa do que o original. Outra tendência bastante comum é o “apagamento das superposições de línguas”. Quando um texto que originalmente contém palavras estrangeiras (como expressões em Latim) e é traduzido apenas na língua de chegada (sem respeitar as diferentes níveis de línguas do texto original).

3 | METODOLOGIA

Para poder analisar as possíveis relações entre a primeira tradução de Baudelaire, para o francês, e as demais retraduições brasileiras, optamos por fazer uma leitura comparada do texto original e a tradução francesa. Assim, fomos marcando algumas modificações que encontrávamos entre o original e a tradução francesa (que soluções o tradutor escolheu, se fez alguma alteração na pontuação do texto, etc.) a fim de compará-las posteriormente com as retraduições brasileiras do conto. Depois de marcarmos as modificações encontradas entre o original e a primeira tradução, criamos uma tabela para alinhá-las com as retraduições. Depois de montada a tabela, selecionamos as partes onde essas modificações mais se concentravam e montamos cinco trechos do conto contendo o texto original, a primeira tradução e as retraduições brasileiras. Uma vez montados os trechos, partimos para a análise.

4 | ANÁLISE

Após o alinhamento dos trechos, optamos por selecionar as seguintes retraduições: Edgar Allan Poe – *The Imp of the Perverse* (original – 1845); Charles Baudelaire – *Le Démon de la Perversité* (primeira tradução – 1857); Oscar Mendes – *O demônio da perversidade* (1944); William Lagos – *O demônio da perversidade* (2002); Guilherme da Silva Braga – *O demônio da obstinação* (2009); e Rodrigo Breunig – *O demônio da impulsividade* (2011).

O critério de escolha das retraduições baseou-se no seguinte: partimos de uma tradução que parecia ter bastante influência da primeira tradução. Para tal, foi escolhida a de Oscar Mendes, visto que foi o único tradutor brasileiro a traduzir toda a obra poética e em prosa de Poe. Esta serve para comparação com as três últimas retraduições deste conto (a de Lagos, Braga e Breunig) a fim de verificar quais entre as três estão mais próximas da tradução francesa.

4.1 A variação do título

Antes de partir para os trechos selecionados, algumas considerações quanto às traduções do título são necessárias. Para descartar qualquer variação de sentido que possa ter sofrido a palavra *imp* ao longo dos anos, foi consultado um dicionário relativamente contemporâneo ao conto de Poe: o dicionário *on-line* Websters's 1828, cuja definição para *imp* diz o seguinte: “1. A son; offspring; progeny. 2. A subaltern or puny devil”.

A palavra inglesa *imp* pode ser compreendida primeiramente como um filho, um descendente; seu segundo significado é um pequeno demônio, o que, em português, poderia ser ligeiramente associado à palavra diabrete, que significa pequeno, mas também travesso. Em inglês, um *imp* não seria exatamente o próprio demônio, mas uma sugestão de que esse diabo é sutil, pequeno, quase imperceptível e que, gradualmente, vai tomando forma até que em algum momento se manifesta. Sobre essa palavra, o filósofo norte-americano Stanley Cavell, no ensaio *Being odd, getting even [Descartes, Emerson, Poe]* (1994, p. 124), chama a atenção para o fato de que *imp* também é um prefixo de diversas palavras do texto – *impulse* (repetida várias vezes), *impels* (várias vezes), *impatient* (duas vezes), *important*, *impertinent*, *imperceptible*, *impossible*, *unimpressive*, *imprisoned*, fazendo dessa palavra algo mais do que um mero ser ou uma mera derivação do diabo. Ela é também uma propensão, um impulso.

Traduzir essa palavra, então, implica traduzir também, se possível, todo esse universo lexical que ela sugere. Optar por uma tradução apenas como captação do sentido, o que Berman chama de “captação platônica”, “é separá-la de sua letra, de seu corpo mortal, de sua casca terrestre. É optar pelo universal e deixar de lado o particular” (BERMAN, 2007, p. 32), o que levaria a tradução a uma das “tendências deformadoras” que Berman chamou de “destruição das redes significantes subjacentes”. Para o autor (2007, p. 56), “toda obra comporta um texto subjacente, onde certos significantes-chave se correspondem e se encadeiam, formam redes sobre a superfície do texto, e é no subtexto que constitui uma das faces da rítmica e da significância da obra”.

A problemática para os tradutores aqui, então, é como encontrar uma palavra em português que possa abarcar, ao mesmo tempo, essa derivação de demônio e sua associação com o prefixo *-imp*. A tradução de Baudelaire optou por *démon*, e todos os demais tradutores analisados aqui não duvidaram em manter a tradição “demoníaca”. Das 13 traduções existentes em português, nenhuma buscou alguma alternativa para *imp* que fosse diferente de “demônio”.

Como já observado antes, a palavra *perverseness* foi diversas vezes traduzida para o português como “perversidade”. É apenas a partir de Guilherme da Silva

Braga (2009) e de Rodrigo Breunig (2011) que a sua tradução começa a oscilar nos textos brasileiros.

A respeito da tradução dessa palavra para as línguas latinas, Julio Cortázar compartilha uma importante observação em suas notas de tradução deste conto:

Acertadamente Emile Lauvrière alerta o leitor sobre a diferença de sentido que a palavra *perverse* tem para um inglês e um francês. A distinção se aplica igualmente em nosso caso. *Perverseness*, perversidade, não é “grande maldade ou corrupção” (ainda que possa sê-lo), mas – citamos Lauvrière – “o sentido de obstinação em fazer algo que não se quer e que não se deve fazer”. Por seu lado, Poe o explica no início do relato; na tradução, entretanto, subsiste o inconveniente de não dispor de um termo mais preciso (CORTÁZAR, 1956, p. 890, tradução nossa).

Já o dicionário *on-line* Webster’s 1828 oferece a seguinte definição de *perverse*: “1. *Distorted from the right*; 2. *Obstinate in the wrong*”. O que em português significa distorcido do que é certo – obstinado no que é errado/ruim/mal. Ou seja, está-se lidando com um conceito no limite entre fazer o mal e fazer algo errado, visto que se pode associar ambas as coisas à palavra *wrong*. Ao traduzi-la por “perversidade”, aproxima-se muito mais do aspecto maligno do que do aspecto “errôneo”. Soa como se estivesse sendo incorporada uma acepção mais próxima de *evil* do que de *wrong*. É possível pensar que qualquer coisa que seja *evil* será inevitavelmente *wrong*, mas nem tudo que é *wrong* deverá ser, obrigatoriamente, *evil*. Parece que essa palavra em inglês está muito mais ligada ao delito do que à maldade em si. Obviamente, o narrador de Poe, ao matar o homem que lhe garantiria uma herança, acaba por cometer um ato de maldade. Mas o impulso não está diretamente ligado a ela, mas sim à obstinação de fazer algo que a pessoa sabe que não deveria fazer. A maldade aqui vem a ser uma consequência inevitável.

Em busca de alternativas que pudessem mostrar diferentes possibilidades tradutórias para esse título feita por tradutores de outras línguas, encontramos o *Catalogo Vegetti della letteratura fantastica*: uma lista de traduções deste conto para o italiano (33 ao total). Os italianos parecem ter ousado mais em suas opções tradutórias do título. Citaremos três títulos dessa lista que representam bem a variação de tradução dos italianos: *Il Demone Della Perversità* (1989). In: *150 anni in giallo*. Tradução de Elio Vittorini; *Il Genio Della Perversione* (1989). In: *Tutti i racconti del mistero, dell’incubo e del terrore*. Tradução de Daniela Palladini; *Il Capriccio Del Perverso* (1999). In: *Racconti. Grotteschi e arabeschi*. Tradução de Maria Gallone

Por exemplo, para *imp*, entre as várias traduções listadas, algumas o traduziram, como era de se esperar, por *Il Demone*. Mas outras, não poucas, optaram por traduzir *imp* por *Il Capriccio* e também por *Il Genio*. Ainda que esta última solução pareça fugir completamente do lado demoníaco da palavra, é importante mencionar que a

palavra “gênio” aparece no conto. Num determinado momento do texto, o narrador relata que esse impulso vai tomando forma, “como o gênio das mil e uma noites” (vide trecho 4). Comprovamos, dessa maneira, que *imp* tem mais possibilidades de tradução além do “demônio”, pelo menos para os italianos.

Pudemos notar também que *perverse* está traduzido de três maneiras diferentes: *perverso*, *perversité* e *perversione*. Dessas três opções, apenas *perversidade* foi usada nas retraduições brasileiras. Talvez a relação que “perverso” e “perversão” têm com a psicanálise faça com que os tradutores brasileiros evitem associa-las com o impulso de Poe.

A escolha de Guilherme Braga (obstinação) também não parece abranger completamente o conceito de *perverseness*, já que, segundo a definição do dicionário mencionada acima, essa obstinação é em fazer o que não é certo.

A tradução de Breunig (impulsividade) também não está diretamente ligada à definição do dicionário, mas é pertinente observar que ela busca não apenas fugir do caráter “maldoso” de *perversidade*, senão também retoma a “letra” de *imp* da primeira palavra. Acreditamos que este tradutor utilizou uma opção que corrobora o conceito de “tradução literal” de Antoine Berman. Ainda que o *imp* apareça refletido na palavra seguinte, esta parece ser uma maneira de compensar a falta daquele prefixo que tantas vezes aparece no texto.

4.2 Os trechos

A seguir são analisados os cinco trechos selecionados e alinhados:

Poe	Baudelaire	Mendes	Lagos	Braga	Breunig
IN THE CONSIDERATION of the faculties and impulses—of the <i>prima mobilia</i> of the human soul, the phrenologists have failed to make room for a propensity which, although obviously existing as a radical, primitive, irreducible sentiment, has been equally overlooked by all the moralists who have preceded them.	Dans l’examen des facultes et des penchants, - des mobiles primordiaux de l’âme humaine, - les phrénologistes ont oublié de faire une part à une tendance, qui, bien qu’existant visiblement comme sentiment primitif, radical, irréductible, a été également omise par tous les moralistes qui les ont précédés.	AO EXAMINAR as faculdades e impulsos dos móveis primordiais da alma humana, deixaram os frenólogos de mencionar uma tendência que, embora claramente existente como um sentimento radical, primitivo, irreduzível, tem sido igualmente desdenhada por todos os moralistas que os precederam.	Ao considerarem as faculdades e impulsos dos motores primordiais da alma humana, os frenologistas não conseguiram estabelecer a função de uma tendência, uma propensão que, embora obviamente existindo como um sentimento radical, primitivo e irreduzível, foi igualmente ignorada por todos os moralistas que os precederam.	AO CONSIDERAR as faculdades e os impulsos – os <i>prima mobilia</i> da alma humana -, os frenologistas esqueceram-se de incluir uma certa propensão que, mesmo subsistindo como um sentimento radical, primitivo e irreduzível, foi também ignorado por todos os moralistas que os precederam.	Na consideração das faculdades e dos impulsos, dos <i>prima mobilia</i> da alma humana, os frenologistas** falharam em abrir espaço para uma propensão que, embora obviamente existente como um sentimento radical, primitivo e irreduzível, foi do mesmo modo negligenciada por todos os moralistas que os precederam.

Figura 2 – *Prima mobilia* (início do parágrafo 1)

O ato de traduzir, segundo Antoine Berman (2007, p. 105), não opera somente entre duas línguas, sempre existe nele (conforme modos diversos) uma terceira língua. Uma das “tendências deformadoras” de Berman que bem poderia explicar parte desse trecho seria o “apagamento das superposições de línguas”. Segundo o autor, a superposição das línguas é sempre ameaçada pela tradução. Neste conto há ocorrências de palavras latinas e algumas em alemão. No trecho acima, tem-se a expressão *prima mobilia*. Pode-se observar que as traduções de Baudelaire, Mendes e Lagos optaram por apagar essa marca e traduzi-la para a língua de chegada. O mesmo já não ocorre nas traduções de Braga e Breunig, pois ambos optaram por manter como está no original. No caso da tradução de Breunig, foi mantida a expressão latina e acrescentada uma nota com a tradução.

Aqui também parece pertinente observar que Baudelaire opta por traduzir *propensity* por *tendance* (tendência) no francês. E tanto Mendes quanto Lagos traduziram-na como “tendência”. Já Braga e Breunig mantiveram a tradução de *propensity* como “propensão”. Outra palavra em que Baudelaire e Mendes optam por uma tradução diferente das demais seria *consideration*, bem no início do trecho. Baudelaire utiliza *l'examen* e Mendes o mantém como “exame” em sua tradução. Já os demais tradutores mantiveram suas traduções em torno de “consideração”, sendo que Lagos e Braga transformaram este substantivo no verbo “considerar”.

Poe	Baudelaire	Mendes	Lagos	Braga	Breunig
<i>I am not more certain that I breathe, than the assurance of the wrong or error of any action is often the one unconquerable force which impels us, and alone impels us to its prosecution. Nor will this overwhelming tendency to do wrong for the wrong's sake, admit of analysis, or resolution into ulterior elements</i>	<i>- Ma vie n'est pas une chose plus certaine pour moi que cette proposition : la certitude du péché ou de l'erreur inclus dans un acte quelconque est souvent l'unique force invincible qui nous pousse, et seule nous pousse à son accomplissement. Et cette tendance accablante à faire le mal pour l'amour du mal n'admettra aucune analyse, aucune résolution en éléments ultérieurs.</i>	Tenho menos certeza de que respiro do que a de ser muitas vezes o engano ou o erro de qualquer ação a <i>força</i> incontestável que nos empurra, e a única que nos impele a continuá-lo. E não admitirá análise ou resolução em elementos posteriores esta acabrunhante tendência de praticar o mal pelo mal.	Assim como tenho a certeza de que respiro, sei que a consciência do certo ou do errado de uma ação é frequentemente a única <i>força</i> incontestável que nos impele para sua realização; e nos impele isoladamente, sem que nada mais o faça. E esta tendência insuperável para praticar o mal por amor ao mal não admite análise nem resolução em elementos posteriores.	A certeza de que sinto quanto a estar vivo não é maior do que a certeza de que a convicção quanto à maldade ou a impropriedade de um ato é amiúde a <i>força inelutável</i> que nos impele, sozinha, a perpetrá-lo. Também estou certo de que a tendência irrefreável a praticar o mal pelo mal não se presta a análise ou a resolução em elementos posteriores.	Tão certo como eu respiro é o fato de que a certeza a respeito do que é certo ou errado em determinada ação é muitas vezes a única <i>força</i> , imbatível e isolada, que nos impele a prosseguir na ação. E essa opressiva tendência de fazer o mal pelo mal não admitirá análise e nem decomposição em elementos posteriores.

Figura 3 – Entre o certo e o errado (parágrafo 3)

Aqui parece ser oportuno retomar a questão da palavra *wrong*, que pode significar tanto “engano”, “incorreto”, “equivoco” quanto “dano”, “mal”, “injúria”.

Nesse trecho ocorre uma variação tradutória bastante curiosa. Há tanto a palavra *wrong* quanto *error* traduzidas de diversas maneiras: Baudelaire traduz por *péché* [pecado] e *erreur* [erro]; Mendes as traduziu por “engano” e “erro”; Lagos por “certo” e “errado”; Braga por “maldade”, “improbidade”; e Breunig (assim como Lagos) utilizou “certo” e “errado”.

Seguindo a questão de *wrong*, mais ao fim do trecho, há uma passagem em que Poe usa a expressão *Do wrong for the wrong sake*. Aqui nenhum dos tradutores buscou outro sentido senão “fazer mal pelo mal”. Mas pode-se claramente observar que a tradução de Lagos se assemelha à tradução francesa. Baudelaire utiliza *faire le mal pour l’amour du mal* e Lagos a mantém como “fazer o mal pelo amor ao mal”, uma escolha lexical muito próxima da tradução francesa, que acaba sofrendo desnecessariamente uma das tendências de Berman: o “alongamento”.

Seguindo essa lógica de escolha parecida, ainda que Mendes não utilize o “amor” na sua tradução, é interessante observar que a parte que vem logo antes – *overwhelming tendency* – é traduzida por Baudelaire como *tendance accablante* e que Mendes a traduz como “acabrunhante tendência”. Uma tradução que soa bastante parecida com a francesa, como se buscasse uma “tradução literal” da primeira tradução. Os demais tradutores utilizaram “insuperável”, “irrefreável” e “opressiva”.

Poe	Baudelaire	Mendes	Lagos	Braga	Breunig
(...); <i>it is only with difficulty that he restrains himself from giving it flow; he dreads and deprecates the anger of him whom he addresses; yet, the thought strikes him, that by certain involutions and parentheses this anger may be engendered.</i>	(...); <i>ce n'est qu'avec peine qu'il se contraint lui-même à lui refuser le passage ; il redoute et conjure la mauvaise humeur de celui auquel il s'adresse. Cependant cette pensée le frappe, que par certaines incisives et parenthèses il pourrait engendrer cette colère.</i>	Só com dificuldade consegue evitar que ela desborde. Teme e conjura a cólera daquele a quem se dirige. Contudo, assalta-o o pensamento de que essa cólera pode ser produzida por meio de certas tricas e parêntesis.	(...); é somente com dificuldade que consegue impedir que ela se manifeste; de fato, teme e lamenta a cólera daquele com quem fala; todavia, é atingido pelo pensamento de que, através de certas manipulações e parêntesis, esta raiva pode ser despertada.	(...), e a custo o orador evita que escape; teme e deplora a raiva de seu interlocutor; contudo, ocorre-lhe a idéia de que, por meio de algumas convoluções e parêntesis, é possível despertar esta mesma raiva.	(...); é só com grande dificuldade que ele se reprime e não dá vazão a ela; ele teme e protesta contra a raiva do sujeito a quem se dirige; e, no entanto, o vence o pensamento de que, com certas involuções e parêntesis, tal raiva pode ser engendrada.

Figura 4 – Raiva ou cólera (parágrafo 4)

Nesse trecho pode-se perceber que Mendes opta por uma tradução semelhante à de Baudelaire para o fragmento *dreads and deprecates the anger*. Baudelaire utiliza *redoute et conjure la mauvaise humeur* e Mendes opta por «teme e conjura a cólera». Os demais tradutores o fazem de diferentes maneiras. Lagos traduz por “teme e lamenta a cólera”, Braga por “teme e deplora a raiva”, e Breunig opta por

“teme e protesta contra a raiva”. Aqui parece ser oportuno observar a oscilação da tradução de *anger*. Poe retoma esse substantivo um pouco mais adiante neste trecho (*this anger*) e Baudelaire o traduz por *colère*, em vez de novamente *mauvaise humeur* como havia feito antes. É possível observar que Mendes, em ambos os casos, traduz como “cólera”. Já Lagos utiliza “cólera” apenas para o primeiro *anger*. Braga e Breunig mantêm “raiva” para a tradução de ambas as palavras.

Poe	Baudelaire	Mendes	Lagos	Braga	Breunig
<p><i>By gradations, still more imperceptible, this cloud assumes shape, as did the vapor from the bottle out of which arose the genius in the Arabian Nights. But out of this our cloud upon the precipice's edge, there grows into palpability, a shape, far more terrible than any genius or any demon of a tale,.</i></p>	<p><i>Graduellement, insensiblement, ce nuage prend une forme, comme le vapeur de la bouteille d'où s'élevait le génie des Mille et une Nuits. Mais de notre nuage, sur le bord du précipice, s'élève, de plus en plus palpable, une forme mille fois plus terrible qu'aucun génie, qu'aucun démon des fables</i></p>	<p>Gradativamente, e de maneira mais imperceptível, essa nuvem toma forma, como a fumaça da garrafa donde surgiu o gênio nas <i>Mil e Uma Noites</i>. Mas fora dessa <i>nossa</i> nuvem à borda do precipício, uma forma se torna palpável, bem mais terrível que qualquer gênio ou qualquer demônio de fábulas.</p>	<p>Gradativamente, ainda mais imperceptível, esta nuvem toma forma, como o vapor que surgiu da garrafa de Aladim e formou o gênio nas <i>Mil e Uma Noites</i>. Porém desta <i>nossa</i> nuvem à beira do despenhadeiro, torna-se progressivamente palpável uma forma muito mais terrível que a do gênio, muito mais horrenda que a de qualquer demônio lendário;</p>	<p>Lentamente, de modo ainda menos perceptível, a nuvem assume uma forma, tal como a fumaça de onde o gênio emergia nas <i>Mil e uma noites</i>. Mas de <i>nossa</i> nuvem, à borda do precipício, surge algo palpável, uma forma muito mais terrível que os gênios ou demônios das fábulas.</p>	<p>Gradativamente, num ritmo ainda mais imperceptível, essa nuvem assume um formato, como ocorria com o vapor que emanava da garrafa da qual surgia o gênio nas <i>Mil e Uma Noites</i>. Mas essa <i>nossa</i> nuvem, sobre a extremidade do precipício, ganha palpabilidade uma forma muito mais terrível do que qualquer demônio de fábula.</p>

Figura 5 – Gênio ou demônio de fábulas (parágrafo 6)

Neste trecho pode-se observar novamente a tendência de “alongamento” na tradução de Lagos. Embora “toda tradução seja tendencialmente mais longa do que o original” (BERMAN, 2007, p. 51), há pelo menos dois trechos aqui bastante curiosos na sua tradução. No trecho em que Poe diz: *from the bottle out of which arose the genius in the Arabian Nights*, Lagos introduz a explicação de que a garrafa (*bottle*) é do “Aladim”. Inevitavelmente associa-se essa tradução a um “alongamento” desnecessário. Também ocorre um alongamento na parte final do trecho, onde Poe diz: *far more terrible than any genius or any demon of a tale*. Lagos repete a tradução de *far more terrible* usando “muito mais terrível” e “muito mais horrenda” – tendência essa de “alongamento” que ocorre em diversas partes de seu texto.

Esse trecho também traz alguns vocábulos importantes para que seja encerrado o enigma do *imp*. Aqui estão lado a lado *genius* e *demon*. Como visto antes, ambas as palavras são opções tradutórias utilizadas pelos tradutores italianos. Em sentido figurado, Poe diz nesse trecho que o tal “impulso” assume uma forma que é mais terrível que um gênio ou demônio, ou seja, eis o momento em que fica evidente

que as opções tradutórias de *imp* para “demônio” ou “gênio” estão longe de ser por acaso.

Poe	Baudelaire	Mendes	Lagos	Braga	Breunig
<i>The next morning he was discovered dead in his bed, and the coroner's verdict was – 'Death by visitation of God.'</i>	- <i>Le matin, on trouva l'homme mort dans son lit, et le verdict du coroner fut : Mort par la visitation de Dieu* (*Formule anglaise ; – mort subite. – C.B.)</i>	Na manhã seguinte, encontraram-no morto na cama e o veredicto do médico legista foi: “Morte por visita de Deus.* (* <i>Death Visitation of God</i> é a expressão com que os médicos legistas ingleses indicam, nos atestados de óbito, a morte natural. (N.T.)	Na manhã seguinte, ele foi achado morto em seu leito e o veredito do legista foi o de “Morte pela visita de Deus”, ou seja, morte natural.	Na manhã seguinte encontraram-no morto na cama, e o veredicto do legista registrou – “Morte por visitação Divina”.	Na manhã seguinte, ele foi encontrado morto em sua cama, e o veredicto do médico-legista foi: “Morte por visita de Deus”.

Figura 6 – Morte por visitação de Deus (parágrafo 9)

Neste trecho há uma modificação na pontuação. Enquanto, no original, há apenas um travessão, Baudelaire, assim como Mendes e Breunig, utilizaram dois pontos antes da expressão *Death by visitation of God*. Do ponto de vista das “tendências deformadoras” de Berman, a que diz respeito tanto à reorganização sintática quanto à pontuação é chamada de “racionalização”. A racionalização “recompõe as frases e sequências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa ideia de *ordem* de um discurso” (BERMAN, 2007, p. 49). Os demais tradutores (Lagos e Braga) mantiveram o travessão que consta no original.

Também digno de observações é a própria expressão *Death by visitation of God*. Esta é a expressão empregada em inglês do século XIX para referir-se (tanto num parecer médico quanto numa nota de jornal) à morte natural. Aqui tem-se a única nota de tradução de Baudelaire explicando a fórmula inglesa. Mendes e Lagos parecem seguir a lógica baudelairiana e também se preocupam em explicar a expressão. O curioso é que Lagos, diferentemente de Baudelaire e Mendes, em vez de utilizar uma nota, introduz a explicação dentro do texto. Em termos bermanianos, Lagos busca uma “clarificação” dessa expressão e, inevitavelmente, o texto é conduzido à tendência de “alongamento”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas no presente trabalho, pudemos observar que as duas últimas retraduições deste conto do Poe (de Braga e Breunig) estão mais distantes da imponente tradução de Charles Baudelaire, e que a tradução de Oscar Mendes a que mais se aproxima da primeira tradução. Assim percebe-se, com o passar dos anos, um gradual afastamento desta influência.

Esperamos que este trabalho possa contribuir não apenas para os estudos da literatura de Poe e a recepção de sua obra no Brasil, mas para o fenômeno da retradução. Berman afirma que a retradução “serve como original e contra as traduções existentes, e é neste espaço que geralmente a tradução produz suas obras-primas. As primeiras traduções não são (e não podem ser) as maiores” (BERMAN, 2007 p. 97). Observando essas considerações, não nos cabe afirmar qual das retraduições analisadas é a obra-prima ou não. Apenas quisemos verificar como esse conto vem sendo traduzido ao longo dos anos, entendendo a retradução como um ato reflexivo e compreendendo que um retradutor não trabalha isoladamente no percurso entre o texto original e a sua retradução, senão que busca observar o conjunto de retraduições que o precederam (pelo menos as mais célebres), de maneira a refletir sobre as escolhas e considerações de seus colegas e, assim, oferecer uma tradução de qualidade. A ideia de “obra-prima” parece-nos como algo intocável e fechado em si mesmo. Particularmente, acreditamos que a retradução deve abrir caminhos, pois, certamente, as retraduições aqui analisadas influenciarão futuras retraduições.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leonardo Vieira. Por uma semiótica do mal: “The imp of the perverse”, de Edgar Allan Poe. SOLETRAS – UERJ, n. 24, p. 196-206, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5038>>. Acesso em: 22 de Ago. de 2018
- BARONIAN, Jean-Baptiste. Baudelaire. Porto Alegre: L&PM, 2010
- BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Rio De Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BJÖRNSSON, Brynjar. Oscar Wilde and Edgar Allan Poe: Comparison of The Picture of Dorian Gray and “William Wilson”. Háskóli Íslands: University of Iceland, jan. 2012. Disponível em: <<https://skemman.is/bitstream/1946/10612/1/BA%20ritgerd%20BB.pdf>>. Acesso em 22 de Ago. de 2018.
- BORGES, Jorge Luis. Sobre a amizade e outros diálogos. São Paulo: Hedra, 2013.
- BOTTMANN, Denise. Edgar Allan Poe Brasil, 29 jan. 2012. Disponível em: <<http://eapoebrasil.blogspot.com.br/2012/01/nona-posicao-i.html>> Acesso em: 22 de Ago. de 2018.
- CATAIOGO, Vegetti della letteratura fantastica. Italia: [s.n., 2009]. Disponível em: <<http://www.fantascienza.com/catalogo/opere/NILF1062964/il-genio-della-perversita/>> Acesso em: 22 ago. 2018.
- CAVELL, Stanley. In Quest of the Ordinary: Lines Of Skepticism and Romanticism. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CORTÁZAR, Julio. Valise De Cronópio. São Paulo: Perpectiva, 1993.
- DICIONÁRIO ONLINE WEBSTER’S 1828. Disponível em: <<http://webstersdictionary1828.com>>. Acesso em 22 de Ago. de 2018.

POE, Edgar Allan. *Assassinatos na Rua Morgue*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *Ficção completa, poesia & ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

_____. *Obras en prosa, Tomo I, Cuentos*. Madrid: Universidad de Puerto Rico, 1956.

_____. *O gato preto e outros contos*. São Paulo: Hedra, 2009.

_____. *O escaravelho de ouro*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

_____. *Nouvelles Histoires Extraordinaires*. Paris: Gallimard, 2006.

_____. *Racconti*. Arnoldo Mondadori Editore. Milão, 1961.

_____. *The complete illustrated works of Edgar Allan Poe*. Bounty Books. London, 2013.

_____. *Tutti i racconti, le poesie e «Gordon Pym»*, Newton & Compton Editori. Roma, 1992.

LAUVRIÈRE, Émile. *Edgar Poe: sa vie et son œuvre*. Paris: Félix Alcan, Éditeur, 1904.

SOUZA, Davi de. O conto ensaístico. *Anuário de Literatura, UFSC*, v. 14, n. 1, p. 131, 2009. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2009v14n2p131>>. Acesso em: 22 de Ago. de 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antoine Berman 83, 87, 91, 92

Antropofagia 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Aprendizagem 1, 3, 4, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60

As canções que você dançou pra mim 109, 110, 111, 118, 120, 121

Atrator 13, 16, 20, 21

Auto ficción 98, 102, 103, 104

B

Black Mirror 134, 135, 136, 137, 138, 143, 145

Brasil oitocentista 63, 64, 71

C

Canibalismo 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Cultura Contemporânea 134, 135, 137, 144, 165, 166, 170, 171, 174

Curso Básico 39, 40, 41, 45

D

Dança contemporânea 109, 110, 112, 113, 120

Documentário 130, 146, 147, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 164

E

Edgar Allan Poe 83, 84, 86, 88, 96, 97

Emergência 13, 14, 17, 19, 20, 22, 167

Escrita 1, 31, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 98, 101, 104, 107, 108

Estética 112, 115, 120, 121, 135, 165, 172, 174, 175

Estratégias 20, 34, 47, 49, 52, 57, 58, 59, 60, 111, 113

G

Gramática 2, 5, 6, 7, 12, 26, 30, 31, 32, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 176

H

Historiografia da Linguística 63, 71

I

Imaginário 25, 75, 82, 115, 116, 120, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145

K

Klezmer 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

L

Latim científico 63

Leitura 1, 5, 8, 9, 10, 12, 27, 33, 34, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 62, 84, 85, 88, 141, 155, 164, 170

Libras 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Língua 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 71, 72, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 88, 92, 123, 176

Língua Portuguesa 1, 2, 3, 11, 12, 24, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 36, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 58, 61, 62, 72, 78, 82, 176

línguas indígenas 63, 64, 70, 71, 72

Livro Didático 6, 21, 24, 26, 27, 30, 37

Lusofonia 24, 25, 26, 36, 37

M

Música erudita 122

P

Paradigma da complexidade 13, 15, 22

Performance Art 146, 147, 148, 153, 154, 156, 157, 160, 161, 163

Perversidade 83, 86, 88, 89, 90, 91

PLE 24, 26, 27, 29, 31, 32, 35

Prática Docente 1, 4, 7, 36

R

Ready-made performático 146, 160, 163

Realidade Virtual 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Retradução 83, 87, 96

Rigoberta Menchú Tum 98, 99, 100, 102, 106

Roberto Carlos 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

S

Subjetividade 158, 159

T

Teatro yiddish 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132

Testimonio 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105

Texto 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 32, 34, 47, 48, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 119, 130, 148, 153, 168, 173, 174

V

Violino 122, 123, 126, 129, 130

 **Atena**
Editora

2 0 2 0